



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: CIÊNCIAS CONTÁBEIS
LINHA DE PESQUISA: MERCADO FINANCEIRO
ÁREA: MERCADO DE CRÉDITO

ÁDLAS DIAS CONRADO
RA: 20850120

A RELAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO DA TAXA BÁSICA DE
JUROS E O MERCADO DE CRÉDITO

Brasília
2012

ADLAS DIAS CONRADO

**A RELAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO DA TAXA BÁSICA DE
JUROS E O MERCADO DE CRÉDITO**

Artigo Científico apresentado como um dos requisitos para a conclusão do curso de Ciências Contábeis do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. José Alves Dantas

**Brasília
2012**

ADLAS DIAS CONRADO

RELAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO DA TAXA BÁSICA DE JUROS E O MERCADO DE CRÉDITO

Artigo Científico apresentado como um dos requisitos para a conclusão do curso de Ciências Contábeis do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. José Alves Dantas

Brasília, 21 de Novembro de 2012.

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Alves Dantas (orientador)

Prof. Mestre Daniel Cerqueira Ribeiro (examinador)

Profª. Mestre Roberta Lira Caneca (examinadora)

RELAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO DA TAXA BÁSICA DE JUROS E O MERCADO DE CRÉDITO

RESUMO

O estudo teve por objetivo verificar se há relação entre a redução da taxa de juros e o aumento do mercado de crédito no Brasil. Utilizando informações coletadas diretamente na página do Banco Central na internet, foram realizados testes considerando o período de janeiro/2001 a agosto/2012, confirmando-se a existência de um forte impacto no comportamento da taxa de juros básica (Selic) em relação ao aumento do mercado de crédito no Brasil. Tal fato é indicativo de que o cenário econômico do Brasil está se alterando e se modificando através de um maior requerimento de novos reposicionamentos por parte de consumidores e vendedores e de tomadores e concessionários de crédito. Foi constatado que a redução da taxa básica de juros (Selic) pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central tem forte influência na política bancária, estimulando-se o volume de créditos direcionados para economia brasileira.

Palavras-Chave: Taxa de Juros; Selic; Sistema Financeiro; Mercado de Crédito.

1 - INTRODUÇÃO

As taxas de juros sempre foram vistas como um problema na economia brasileira desde a década de 1980, quando as elevadas taxas de juros decorrentes do grande volume de financiamentos externos captados durante os anos 1970 elevaram as taxas de inflação. Problemas crescentes com a gestão das dívidas externas, estagnação econômica e redução da renda por habitante elevaram as taxas de juros do país por um longo tempo. Nos últimos anos, com o crescimento econômico e financeiro, modificações relevantes no mercado de crédito brasileiro foram instituídas, influenciando tanto o nível do volume de crédito quanto o das taxas de juros praticadas.

Segundo Ferreira (2011), o crédito é um elemento muito importante para a economia brasileira, pois financia o consumo das pessoas e financia as atividades de produção das empresas. Por essa razão, há uma preocupação muito grande com o normal funcionamento do crédito na economia.

Costa e Manolescu (2004) reforçam essa percepção, ao destacarem que o crédito tem importante papel no processo de acumulação de capital, isto é, transformador financeiro de diversas modalidades, prazos e níveis de risco, sendo essencial no funcionamento dos setores produtivos e também às famílias.

Atualmente, aumentou-se a importância de crédito, pois as relações negociais ultrapassaram as fronteiras do país de maneira grandiosa, transformando em modelo indispensável ao desenvolvimento econômico do país pois a demanda crescente da sociedade moderna através da democratização evidente hoje na maior parte da população que fazem o uso diário de segmentos do mercado de crédito, a falta de crédito fez com que o consumo caísse, as empresas passaram a produzir menos, gerando desemprego e queda de renda das pessoas, (Monteiro Filho, 2006).

Nos últimos anos, e especificamente durante nos últimos meses, tem-se verificado redução das taxas de juros de operações de crédito em algumas linhas, em decorrência do movimento de redução, pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, da taxa básica de juros da economia (Selic). Esse movimento tem ocorrido porque o governo federal precisava incentivar o consumo e aquecer a economia (VEJA, 2012).

A imprensa tem destacado vários movimentos nesse sentido. O Portal Terra (2012), por exemplo, destaca pesquisa realizada pelo Procon, no segundo semestre, em sete bancos – Banco do Brasil, Santander, Bradesco, Caixa, HSBC, Itaú e Safra – contatou que três deles baixaram a taxa de juros nas operações de empréstimo pessoal e quatro baixaram as taxas de cheque especial. Mais do que isso, identificou sinais de que houve um crescimento de operações diárias em diversas linhas de créditos de pessoa física e jurídica, tornando o crédito mais fácil ao consumidor. É esperado que com os juros mais baixos o mercado de crédito de bens e consumo se beneficie com as mudanças, havendo uma tendência de maior crescimento do nível das vendas.

Em síntese, com a redução das taxas de juros, é esperado que uma parcela maior de recursos do mercado financeiro seja direcionada para a viabilização de investimentos que tenham retorno maior que o pago pelo governo. Por consequência, é esperado que o volume de crédito no mercado financeiro no Brasil reaja favoravelmente ao movimento de redução das taxas de juros.

Considerando esse contexto, este estudo se propõe a responder ao seguinte problema de pesquisa: **o movimento de redução nas taxas de juros efetivamente resultou na ampliação do mercado de crédito?**

Com isso, o objetivo do trabalho consiste em verificar se há uma relação direta entre a redução da taxa de juros e o aumento do mercado de crédito no Brasil, considerando o pressuposto de que a modificação do cenário econômico requer novos reposicionamentos por parte de consumidores e vendedores e de tomadores e concessionários de crédito.

Para alcançar esse propósito, a metodologia utilizada consistirá basicamente em comparar o comportamento da taxa básica de juros (Selic) com a evolução de crédito brasileiro, considerando o período de 2001 a agosto de 2012. Todas as informações utilizadas no estudo têm como fonte a página do Banco Central do Brasil (BCB) na internet.

Além desse capítulo introdutório, que contextualiza o tema e define o problema de pesquisa, os objetivos do estudo e uma síntese da metodologia, o trabalho contempla: o referencial teórico sobre o tema (capítulo 2); a descrição detalhada da metodologia a ser utilizada (capítulo 3); a análise dos resultados encontrados empiricamente (capítulo 4); e as conclusões do estudo (capítulo 5).

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - Mercado Financeiro

Segundo Lima, Lima e Coppe (2007), investimento e poupança formam o cenário do sistema financeiro. Poupança consiste em uma parte da renda não consumida e investimento em um poder de consumo futuro e incerto, além da utilização de recursos poupados, próprios ou de terceiros para ampliar a capacidade produtiva.

O mercado financeiro é considerado o mercado em que tanto o governo quanto as instituições financeiras que são responsáveis pela captação de recursos entre investidores para financiar atividades produtivas ou simplesmente gerar lucros para quem empresta dinheiro. A definição de instituições financeiras exposta por Lima, Lima e Coppe (2007, p. 4) é mais conceitual, como:

“[...] A Lei da Reforma Bancária (Lei nº 4.595/64), em seu artigo 17, conceitua instituições financeiras como as “pessoas jurídicas públicas ou privadas, que tem como atividade principal ou acessória a coleta, intermediação ou aplicação de

recursos financeiros próprios ou de terceiros, em moeda nacional ou estrangeira, e a custódia de valor de propriedade de terceiros [...]”.

No mercado financeiro predomina a oferta e procura de capitais que atuam por intermediação, e os bancos assumem o risco da operação. Fazendo parte da intermediação financeira, as instituições financeiras podem atuar como sujeito ativo ou passivo nessas operações. As operações ativas se configuram quando as instituições emprestam recursos a um tomador e passa a ter o direito de receber no futuro, enquanto as operações passivas surgem quando as instituições captam recursos de terceiros e são obrigadas a devolver esses recursos no futuro, incluindo os juros.

Para Assaf Neto (2009), as intermediações financeiras são desenvolvidas em quatro subdivisões de mercado, são eles: mercado monetário, mercado de créditos, mercado de capitais e mercado cambial:

- Mercado monetário: São as operações de curto e curtíssimo prazo que visa o controle da liquidez monetária e das taxas de juros básicas da economia.
- Mercado de créditos: É um conjunto de agentes e instrumentos financeiros que visa suprir as necessidades de caixa de curto prazo, médio prazo ou aleatório, mediante a concessão de créditos a pessoas físicas por empréstimos e financiamentos.
- Mercado de capitais: Grande municiador de recursos permanentes para a economia que envolve títulos representativos de capitais e operações de créditos de empresas, são de médio e longos prazos, e de indeterminado.
- Mercado cambial: Segmento financeiro que ocorre compras e vendas de moedas (troca) internacionais.

De se ressaltar, porém, que é possível se encontrar diferentes formas de classificação do mercado financeiro. Para Lima, Lima e Coppe (2007), por exemplo, há apenas dois componentes, o mercado de crédito e o mercado de capitais, pois são os segmentos que permitem que várias operações financeiras interajam por um amplo sistema de comunicações.

2.2 - Operação de Crédito

De acordo com Ortoloni (2000), as operações de crédito praticadas pelas instituições financeiras podem ser definidas como as que envolvem o risco de descumprimento de obrigações assumidas contratualmente pelo devedor, pecuniárias ou não, que são assumidas por clientes das instituições financeiras.

As operações de crédito são grande importância para o Poder Público, pois são considerados os empréstimos e os financiamentos que podem aumentar os recursos disponíveis (receita). Dentre diversas definições para operações de crédito, pode-se destacar:

“[...] 1) Negócio jurídico em que uma das partes transfere a propriedade de uma coisa à outra parte, que se obriga, em contrapartida, a obrigação futura, consistente na restituição não da mesma coisa, mas de coisa equivalente. 2) compromisso financeiro assumido em razão de mútuo, abertura de crédito, emissão e aceite de título, aquisição financiada de bens, recebimento antecipado de valores provenientes da venda a termo de bens e serviços, arrendamento mercantil e outras operações assemelhadas, inclusive com o uso de derivativos financeiros [...]” (ENFIN, 2012)

Entre as diversas modalidades de créditos que as instituições bancárias realizam, as mais comuns são, os empréstimos para capital, títulos descontados, financiamentos, contas garantidas, créditos rotativos, *hot money*, crédito direto ao consumidor.

2.3 - Mercado de Crédito

Segundo Assaf Neto (2009), mercado de crédito é um conjunto de agentes e instrumentos financeiros que visa suprir as necessidades de caixa de curto prazo, médio prazo ou aleatório, mediante a concessão de créditos a pessoas físicas por empréstimos e financiamentos e são direcionadas aos ativos permanentes e capital de giro das empresas. É nesse mercado que é utilizado as intermediações financeiras que geram desenvolvimento as atividades que constituem bancos comerciais e sociedades financeiras.

De acordo com Assaf Neto (2009), no mercado financeiro encontra-se a Central de Risco de Crédito (CRC), que é gerenciada pelo Banco Central e tem como função englobar todas as informações de créditos de todas as instituições financeiras. Seu objetivo é prevenir crise no mercado financeiro por problemas de créditos nas instituições. Além do CRC, existem outras centrais de informações de risco de crédito, como o Sistema de Cadastro de Cheques sem fundos, Serviço de Proteção de Crédito e SERASA. O Banco central contém parte das informações que são consideradas privadas e a outra parte são disponíveis para as instituições, de acordo com disponibilidades do CRC:

“[...] O Banco Central é capaz de avaliar, com maior precisão, as instituições financeiras que apresentam problemas com os créditos concedidos, e que exijam um acompanhamento especial. As instituições financeiras que participam deste sistema também se beneficiam, na medida em que podem usar as informações do CRC para as suas decisões de concessão de crédito[...]” (Assaf Neto, 2009. p.65)

2.4 - Taxa de Juros

Para Assaf Neto (2009), a taxa de juros pode ser definida como o preço da mercadoria dinheiro ou como o preço de crédito que exprime o preço de troca em diferentes momentos de tempo. Todos os tipos de taxas de juros refletem o preço pago pelo sacrifício de poupar ou tomar os recursos disponíveis, ou seja, toda operação envolve dois agentes econômicos, o poupador – adia seu consumo para o futuro – e o tomador – envolve seu consumo ao presente. Essa relação depende das atraentes taxas de juros de mercado em determinado momento, o que modifica as decisões dos agentes. As taxas de juros são consideradas atraentes apenas quando o retorno da aplicação é maior que a taxa de juros dos recursos utilizados. Logo, há uma maior atratividade para investimentos empresariais quando são baixas as taxas de juros, e uma maior atratividade para investimentos produtivos quando há elevação das taxas de juros da economia.

Assaf Neto (2009, p.109) se refere a taxa de juros como “[...] o resultado das interações das ações do mercado executadas pelos agentes econômicos, servindo de balizador de suas decisões entre consumo e poupança”.

Segundo Assaf Neto (2009), por razões econômicas as autoridades monetárias criam metas para que possam ter um nível satisfatório de taxas de juros, ou seja, uma taxa ideal de juros. Essa taxa é de grande importância, pois impacta o comportamento da dívida pública e o crescimento econômico. A formação da taxa de juros provoca, portanto, diversas consequências para a economia, tanto no curto prazo – por atuar na demanda e na inflação – quanto no longo prazo – por influir no nível de poupança e de investimento. Pode também haver uma inter-relação entre esses impactos, com um aumento da demanda proporcionando um aumento do crescimento e do nível de investimento da economia.

De acordo com Assaf Neto (2009), as taxas de juros no mercado são expressas em porcentagens, enquanto o preço dos bens são expressos em unidades monetárias. As duas têm como finalidade comum homogeneizar os valores de um conjunto de bens. São tomadas diversas decisões através dos agentes econômicos, que permitem uma melhor distribuição temporal adequada para preferências de consumo e poupança. Essas decisões definem o tempo a poupar e ativos a adquirir, em um sistema heterogêneo, associando a taxa de juros a cada valor de um bem.

As decisões que envolvem empresas dependem das variações nas taxas de juros. Assaf Neto (2009) descreve que quanto mais baixo o nível das taxas de juros, maior serão os investimentos pelos agentes econômicos, pois as empresas se refletem no custo de oportunidade de seu capital ou preço a ser pago pelos recursos tomados emprestados. Já o governo tem grande poder sobre as taxas de juros por controlar vários instrumentos de política monetária e o controle do monopólio de títulos públicos.

O mercado financeiro conta com vários tipos de taxas de juros importantes para o seu funcionamento, sendo definidas por Assaf Neto (2009) da seguinte forma:

- Taxa referencial de juros (TR): é apurada e anunciada mensalmente pelo Governo, sendo calculada com base na remuneração média dos CDB/RDB operados pelas 30 maiores instituições bancárias classificadas por volume de captação, e é de grande importância a divulgação dessas taxas para o mercado para uma melhoria das estimativas em relação as outras taxas.
- Taxa Financeira Básica (TBF): é calculada pelo Banco Central com base nos rendimentos médios mensais oferecidos pelo CDB de 30 dias e é utilizada para remensurar as aplicações financeiras a prazo fixo de no mínimo 2 meses.
- Taxa do Banco Central (TBC): tem por objetivo referenciar o nível mínimo dos juros nas operações de *open Market* e para todo o mercado financeiro, e são formadas em todo o mercado livremente.
- A Taxa de Assistência do Banco Central (TBAN): é adotada por percentual máximo como referência nas operações de compra e venda de títulos públicos em relação ao mercado financeiro. É usada nas operações de redesconto bancário.
- Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP): é aplicada em operações em longo prazo, com maior maturidade e tem como objetivo substituir a indexação da economia. O prazo de vigência dessa taxa é de três meses, sendo calculada para o período de vigência da taxa meta de inflação e as taxas de juros da dívida interna e externa do Brasil.
- Taxa Anbid: é calculada pela Associação Nacional dos Bancos de Investimento, sendo utilizada por diversos bancos comerciais e múltiplos, de investimentos.

A taxa de juros mais importante para o funcionamento da economia brasileira, no entanto, é a taxa básica de juros (Selic), que é fixada pelo Comitê de Política Monetária (Copom), sendo considerada a taxa de referência para o mercado financeiro. Ela é usada para operações de títulos públicos de emissão do Governo Federal em mercado aberto, e é considerada a de mais baixo risco em relação a outras taxas de juros do mercado.

Considerando os propósitos do presente estudo, a taxa Selic será utilizada como a referência de taxa de juros nos exames empíricos a serem realizados, relacionando-a com o funcionamento do mercado de crédito.

3 - METODOLOGIA

A elaboração desse estudo é produto de uma pesquisa com caráter exploratório e descritivo. De acordo com Gil (2002), pesquisa exploratória tem como objetivo uma maior compreensão com o problema, através do aprimoramento de ideias e de vários aspectos

relativos ao fato estudado. E pesquisa descritiva, pois visa descobrir a existência de associações entre variáveis, se utilizando de coleta de dados.

Do ponto de vista de abordagem do problema, o estudo é de caráter qualitativo e quantitativo. Segundo Gil (2002), análise qualitativa corresponde a um processo de interpretação dos fenômenos e atribuições dos significados. É usada a coleta de dados analisados, não requerendo o uso de instrumentos estatísticos.

Esse estudo visa, por meio de coletas de dados obtidos diretamente no site do Banco Central, comparar a evolução da taxa básica de juros (Selic), nominal e real, no decorrer dos anos com a evolução do crédito no mercado brasileiro.

Para a análise serão utilizadas as seguintes séries: crédito do sistema financeiro (risco total) em relação ao Produto Interno Bruto (PIB); a taxa básica de juros da economia (Selic); e o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), usado para apurar a taxa básica de juros em termos reais. Os dados utilizados consideram o período de janeiro de 2001 a agosto de 2012. O propósito é adotar procedimentos de forma que se possa chegar a uma conclusão se realmente **o movimento de redução nas taxas de juros efetivamente resultou na ampliação do mercado de crédito.**

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados neste estudo, é de pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Gil (1999), este estudo se utiliza a pesquisa bibliográfica, pois utiliza materiais já elaborados, constituído de livros e de técnica de análise. É considerado pesquisa documental, pois se utiliza de informações que não receberam tratamento analítico, como os dados oferecidos pelo Banco Central.

4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a apresentação da literatura sobre o mercado financeiro, da discussão do mercado de crédito e de suas operações de créditos, e um conceito mais abrangente sobre as taxas de juros em geral, parte-se para a análise da taxa básica de juros (Selic) nominal e real em comparação ao mercado de crédito financeiro (risco total) / PIB que fazem parte das informações coletadas ao Banco Central.

4.1 – Estatísticas Descritivas

Inicialmente são apuradas, e demonstradas na Tabela 1, as estatísticas descritivas das variáveis consideradas no estudo: taxa básica de juros, em termos nominais; taxa básica de juros, em termos reais; e volume de crédito do sistema financeiro como participação do PIB.

Tabela 1: Estatísticas descritivas das variáveis examinadas no estudo, considerando o período de janeiro de 2001 e agosto de 2012.

Medida	Taxa Selic (nominal)	Taxa Selic (real)	Crédito no SFN em relação ao PIB
Média	14,82% a.a.	10,37% a.a.	33,83%
Mediana	12,92% a.a.	8,12% a.a.	30,25%
Máximo	26,32% a.a.	12,94% a.a.	51,00%
Mínimo	7,89% a.a.	2,52% a.a.	24,20%
Desvio padrão	4,51% a.a.	2,67% a.a.	8,67%

Fonte: elaborado pelo autor, com base em informações disponíveis no sítio do Bacen

De acordo com Moore (2005), a média e a mediana são usadas para descrever o centro da distribuição de diferentes maneiras – a média indica a média aritmética e a mediana o

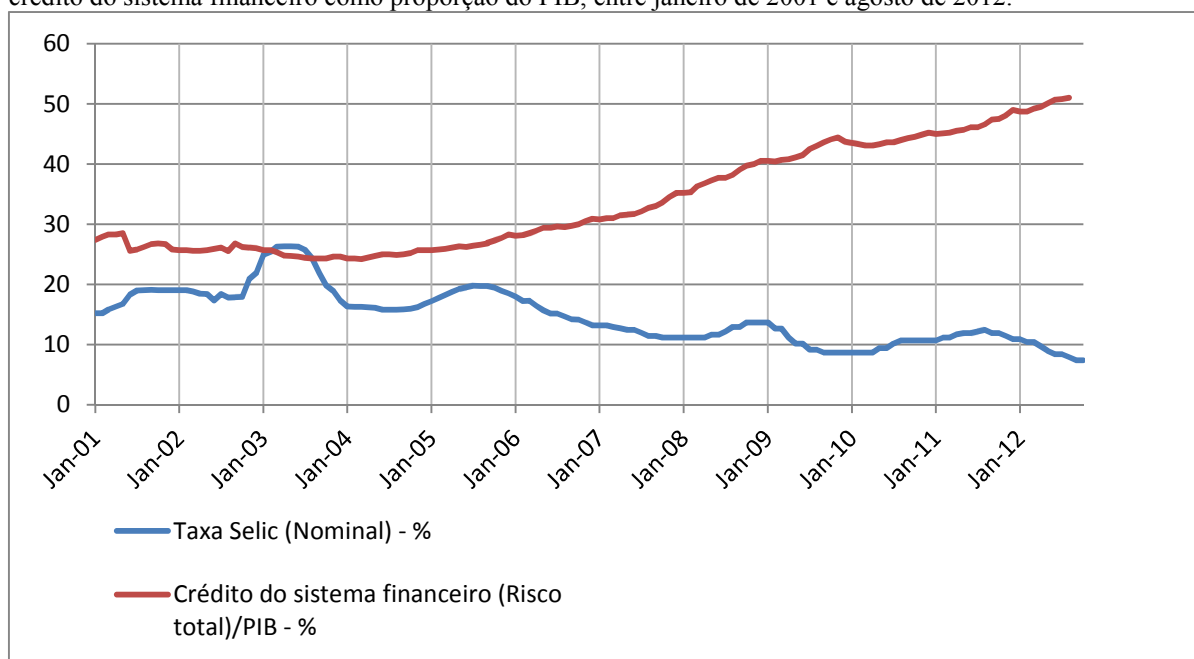
ponto do meio dos seus valores. O valor máximo, mínimo e os quartis junto com a mediana fornecem uma descrição rápida e geral de uma distribuição. O desvio padrão mede a dispersão, considerando o quanto as observações se afastam da sua média. A média e o desvio padrão são ótimos para distribuições simétricas sem valores atípicos.

Após apurar as estatísticas descritivas das variáveis consideradas no estudo, observa-se que a média das variáveis são maiores que as suas medianas e são consideradas assimétricas para a direita, onde a média está em uma posição mais extrema na cauda longa do que a mediana, e por esse motivo foi importante a descrição de todas essas variáveis. Em relação ao desvio padrão, as variáveis mostram que há uma dispersão maior que 0, que indica que os valores mudaram ao longo do tempo consideravelmente.

4.2 – Relação entre o Volume de Crédito e a Taxa Básica de Juros (Nominal)

Na análise feita para o estudo desse trabalho foram coletados os dados da taxa básica de juros (Selic) e realizada uma comparação com o volume de crédito do sistema financeiro (risco total) com relação ao PIB, como uma das etapas para que se possa saber se realmente o movimento de redução nas taxas de juros efetivamente resultou na ampliação do mercado de crédito. No Gráfico 1 são apresentados esses dados comparativamente.

Gráfico 1: Comparação do comportamento da taxa básica de juros (Selic), em termos nominais, e o volume de crédito do sistema financeiro como proporção do PIB, entre janeiro de 2001 e agosto de 2012.



Fonte: elaborado pelo autor, com base em informações disponíveis no sítio do Bacen.

A análise do comportamento da taxa de juros básica (Selic), em termos nominais, revela, inicialmente, que no início do período sob análise foi registrado um crescimento acentuado, notadamente a partir de novembro de 2002, até alcançar a taxa de 26,32% no mês de abril de 2003. A partir desse ponto, a Selic passou a apresentar comportamento descendente, embora com momentos de altas circunstanciais. Nos últimos anos, esse movimento de baixa vem se acentuando, alcançando um patamar mais baixo (7,89% em agosto de 2012) desde julho de 1994, quando foi implantado o Plano Real.

Ao contrario da Selic, o volume de crédito do sistema financeiro como proporção do PIB vem registrando crescimento acentuado, notadamente a partir de 2004, traduzindo o crescimento da economia no período. Conforme evidenciado, em março de 2004 foi registrado o menor patamar do nível de crédito na economia brasileira (24,2% do PIB). A partir daí, passou a registrar crescimentos constantes, alcançando 51% do PIB em agosto de 2012. Como um dos fatores para esse crescimento também pode ser destacada a expansão de crédito marcada pela retomada dos bancos privados nacionais que buscavam maior lucratividade através da estabilização dos preços e do câmbio, ou seja, um cenário mais estável, que favoreceu uma expansão de crédito ao consumidor.

A análise do Gráfico evidencia de forma clara, portanto, que há uma relação claramente inversa entre o comportamento da taxa básica de juros e o nível de crédito na economia brasileira. Ou seja, quanto mais decresce o nível da Selic mais cresce a oferta de créditos para a população.

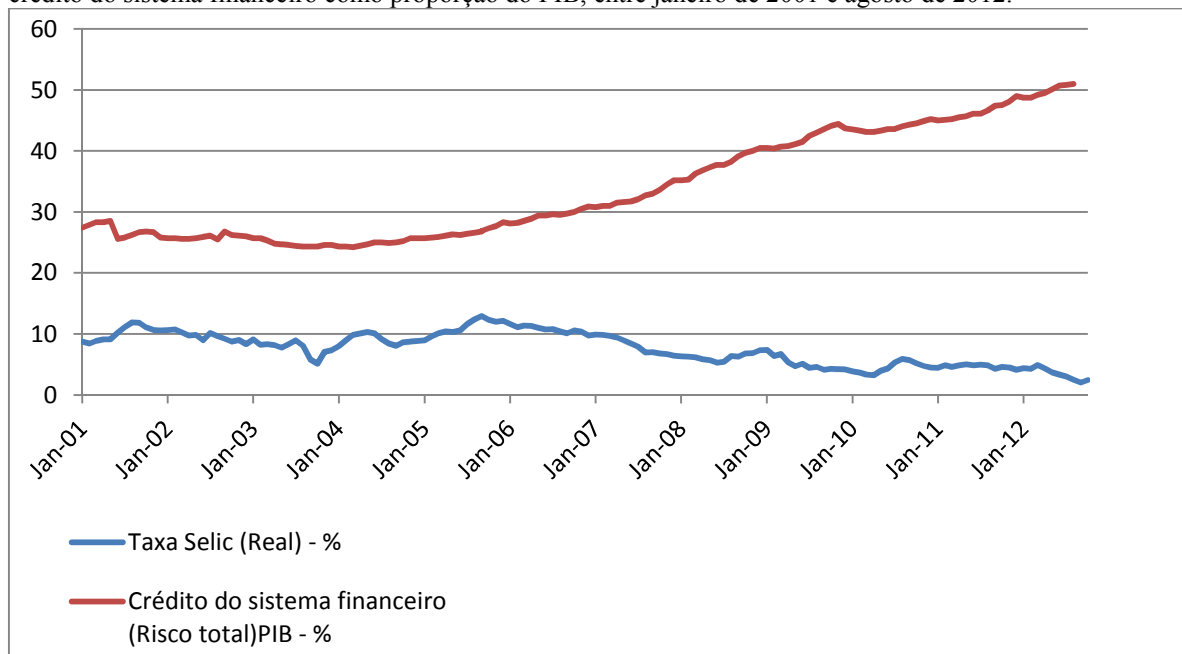
4.3 – Relação entre o Volume de Crédito e a Taxa Básica de Juros (Real)

A segunda parte da análise se concentra no impacto da taxa real de juros no mercado de crédito. Antes de analisarmos o resultado da comparação, cabe ressaltar que entende-se como taxa básica de juros em termos reais, a taxa de juros em que o efeito inflacionário não existe. Com isso, a Selic real tende a ser menor do que a taxa nominal. Isso ocorre porque ela é formada através da correção da taxa efetiva pela taxa de inflação do período da operação. É o resultado da taxa Selic menos a inflação (anualizadas), usando-se como referência o IPCA. No caso de a taxa real ficar muito baixa (ou negativa), corre-se o risco de despertar a inflação, ocorrendo dois choques na economia, uma interna e outra externa. Interno devido ao superaquecimento da atividade, que causa inflação, e externo porque os juros passariam a ser menos atraentes para os investidores, o que levaria à uma fuga de capitais e disparada do dólar (UOL, 2012).

Mesmo com o volume de crédito crescente e a com a taxa de juros básica em seu patamar mais baixo, o Brasil ainda se encontra em 3º lugar no ranking de taxa de juros, atrás de dois países do BRIC, Rússia e China, respectivamente (DCI, 2012).

No Gráfico 2 são demonstrados os dados comparativos entre a taxa Selic, em termos reais, e o volume de crédito na economia brasileira.

Gráfico 2: Comparação do comportamento da taxa básica de juros (Selic), em termos reais, e o volume de crédito do sistema financeiro como proporção do PIB, entre janeiro de 2001 e agosto de 2012.



Fonte: elaborado pelo autor, com base em informações disponíveis no sítio do Bacen.

Por ser ajustada à inflação, a Selic real apresenta um comportamento menos volátil que a sua medida nominal. De janeiro de 2001 a dezembro de 2005, passou de 8,75% para 12,14%. A partir de então, passou a registrar um comportamento declinante, até alcançar, em agosto de 2012, 2,52%.

Conforme evidenciado no Gráfico 2, a relação inversa entre o comportamento da taxa básica de juros, em termos reais, com o volume de crédito na economia brasileira é ainda mais claro do que quando foi feita a comparação com a taxa de juros nominal.

4.4 – Análise do Grau de Correlação

Por fim, a relação entre a taxa de juros e o volume de crédito na economia brasileira é avaliada a partir da análise do grau de correlação entre essas variáveis, conforme evidenciado na tabela 2.

Tabela 2: Grau de correlação de Pearson entre o nível da taxa básica de juros e o volume de crédito do SFN, como proporção do PIB - janeiro de 2001 e agosto de 2012.

Grau de correlação de Pearson	Estatística
Entre a taxa Selic (nominal) e o volume de crédito	-0,8240
Entre a taxa Selic (real) e o volume de crédito	-0,8440

Fonte: elaborado pelo autor, com base em informações disponíveis no sítio do Bacen.

Segundo Moore (2005), é importante a correlação de Pearson, pois mede a direção e a intensidade da relação linear entre as variáveis, observando que não descreve relações curva entre variáveis, e que sejam quantitativas de modo que possa ser efetuada por cálculos aritméticos. Quando se indica uma correlação positiva, a associação entre as variáveis é positiva, e quando há uma correlação negativa, a associação entre as variáveis é negativa. Essa correlação se mede entre -1 e 1, quanto mais perto de 1 mais perfeita a correlação positiva entre as variáveis, e quanto mais perto de -1, mais perfeita a correlação negativa entre

variáveis. Por fim, quando é 0, significa que duas variáveis não dependem uma da outra, embora possa existir uma dependência que seja não linear, que são observados por outros meios. É importante para que fique mais completa a descrição de dados das duas variáveis, fornecer as médias e os desvios padrões de ambas, o que está contemplado na Tabela 1.

No presente estudo, o grau de correlação de Pearson entre a taxa Selic (nominal) e o volume de crédito que apresenta um valor muito próximo a -1, indica que a relação entre essas duas variáveis chega a ser quase perfeita negativa, ou seja, suas retas lineares estão quase perfeitamente opostas uma da outra, como mostrado no Gráfico 1. Enquanto o volume de crédito mostrou tendência de crescimento ao longo do período examinado, a taxa Selic (nominal) apresentou comportamento inverso.

Situação relativamente idêntica é observada ao se avaliar o grau de correlação entre a taxa Selic (real) e o volume de crédito, ou seja, relação inversa entre as variáveis. De se destacar, porém, que nesse caso a correlação é ainda mais relevante, se aproximando de -1, embora essa diferença possa ser definida como de pequena expressão (de -0,8240 para -0,8440).

5 - CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo verificar se há uma relação direta entre a redução da taxa de juros e o aumento do mercado de crédito no Brasil, considerando o pressuposto de que a modificação do cenário econômico requer novos reposicionamentos por parte de consumidores e vendedores e de tomadores e concessionários de crédito.

Através de dados obtidos na página do Banco Central na internet foram apuradas as estatísticas descritivas das variáveis e avaliadas as associações entre as variáveis estudadas, para saber se há relação entre: o volume de crédito e a Taxa Básica de Juros, em termos nominais e reais. Também foram apurados o grau de correlação de Pearson entre essas variáveis.

Os resultados dos testes confirmaram que existe uma relação direta entre a redução da taxa de juros e o aumento do mercado de crédito. As estatísticas descritivas das variáveis estudadas mostram que as médias são maiores que suas medianas, demonstrando que são assimétricas para a direita, ou seja, elas são indiretamente proporcionais, enquanto uma variável tende a cair, a outra tende a aumentar. Além disso, as diferenças entre os máximos e os mínimos mostram que a taxa de juros, tanto nominal quanto real, nunca estiveram em um valor tão baixo depois de muitos anos. Por outro lado, verifica-se o maior nível de volume de crédito ao longo dos anos. A dispersão entre essas variáveis demonstra que há uma diferença entre os anos.

Por meio da análise gráfica, foi verificado que há uma relação entre a taxa de juros Selic (Nominal) e o volume de crédito. Os resultados confirmam um comportamento diferente entre essas variáveis, a queda da taxa de juros Selic (nominal) a partir de junho de 2003 até agosto de 2012, com momentos circunstanciais, e com o crescimento acentuado do volume de créditos do sistema financeiro a partir de 2004 demonstra que essa relação é inversamente proporcional.

Através da relação entre a taxa de juros Selic (Real) e o volume de crédito, apresentando um comportamento menos volátil que sua medida nominal, ela é evidenciada mais claramente que a nominal, com declínio a partir de 2006 e o crescimento do volume de crédito, demonstra que suas relações são inversas.

Essa relação inversamente proporcional ocasionada nos últimos anos fica mais evidenciada no grau de correlação de Pearson, tanto para a taxa de juros nominal quanto para

a real em relação ao volume de crédito, pois seus valores estão próximos ao valor -1, indicando que estão quase perfeitamente inverso um ao outro.

Concluindo, o movimento de redução nas taxas de juros e outras variáveis influenciaram efetivamente no resultado da ampliação do mercado de crédito. A queda da taxa de juros, tanto do ponto de vista nominal quanto real, foi de grande impacto na economia do país, fazendo com que se aquecesse o mercado de crédito, aumentando o volume de investimentos, gerando mais emprego e renda, e aquecendo a economia. A preocupação persiste em se conseguir manter o controle da inflação, pois caso contrário, a redução das taxas de juros poderiam provocar o aumento da demanda como uma tendência irreversível, resultando uma eventual pressão ascendente sobre os preços, ou seja, aumento da inflação.

Esse foi um estudo voltado para uma análise direta entre a relação entre o comportamento da taxa básica de juros da economia e o mercado de crédito. Para futuros estudos sobre o tema, seria recomendável que avaliassem o impacto do comportamento da taxa de juros em relação a nichos específicos do mercado de crédito, como o de consumo, cartões de crédito, cheques especial, entre outros.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro**. 9 ed. São Paulo : Atlas, 2009.

COSTA, Erika Alcino; MANOLESCU, Friedhilde Maria Kustner. **A importância do crédito na economia**. IV Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2004.

DCI. "**Foco Econômico**": **O que esperar com a nova taxa Selic?** 4 jun, 2012. Disponível em <<http://www.dci.com.br/financas/foco-economico-o-que-esperar-com-a-nova-taxa-selic-id296994.html>>. Acesso em 25 out, 2012.

ENFIN. **Enciclopédia de Finanças**. 2012. Disponível em <<http://www.enfin.com.br/bolsa/main.php>>. Acesso em 26 set, 2012.

FERREIRA, Hélio Nunes. **A importância do crédito**. 29 ago, 2011. Disponível em <<http://educacaofinanceira-professorhelio.blogspot.com.br/2010/10/importancia-do-credito.html>>. Acesso em 23 set, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Iran Siqueira; LIMA, Gerlando Augusto Sampaio Franco de; PIMENTEL, René Coppe. **Curso de mercado financeiro: tópicos especiais**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MONTEIRO FILHO, Raphael de Barros. **A importância do crédito como fator de desenvolvimento econômico e social**. 7 set, 2006. Disponível em <http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/bitstream/handle/2011/8270/A_Import%EAncia_do_Cr%E9dito_como_Fator.pdf;jsessionid=C8A8B01FBAFDD33DC44B648F9EFBA587?sequence=4>. Acesso em 10 set, 2012.

MOORE, David S. **A estatística básica e a sua prática**. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005 p. 81.

ORTOLANI, Edna Mendes. **Operações de crédito no mercado financeiro : modalidades, aspectos legais e negociais, matemática aplicada, esquemas gráficos, riscos associados a produtos, operacionalização** . 1 ed. São Paulo: Atlas, 2000. p. 35.

PORTAL TERRA. **Procon: taxas de juros têm leve queda em setembro**. 17 set, 2012. Disponível em: <[http://m.terra.com.br/noticia?n=201209172013 TRR 81588198&a=economia&s=6&c=economiaultimasnoticiasbr&e=](http://m.terra.com.br/noticia?n=201209172013_TRR_81588198&a=economia&s=6&c=economiaultimasnoticiasbr&e=)>. Acesso em 23 set, 2012.

PORTAL UOL. **Com nova redução da Selic, juros reais caem abaixo dos 2%**. 10 out, 2012. Disponível em <<http://m.folha.uol.com.br/mercado/1167490-com-nova-reducao-da-selic-juros-reais-caem-abaixo-dos-2.html>>. Acesso em 25 out, 2012.

VEJA. **Banco do Brasil anuncia novo corte de juros**. 31 ago, 2012. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/banco-do-brasil-anuncia-novo-corte-de-juros>>. Acesso em 23 set, 2012.